

## Siderurgia – Perspectivas para 2006

Os principais mercados siderúrgicos passaram, em 2005, por turbulências preocupantes. Havia, no início do ano, uma situação de estoques excessivos que acarretou retração nas vendas das usinas e expressiva flutuação nos preços, com reflexos negativos também no comércio internacional. Porém, já no terceiro trimestre eram bem claros os indicadores de estabilização, o que possibilitou o fechamento do ano em posição razoavelmente saudável para o setor.

A produção mundial de aço bruto atingiu o nível recorde de 1,15 bilhões de toneladas, crescimento de 5,8% em relação a 2004. O destaque, mais uma vez, foi para a China (aumento de 24,6%).

O Brasil esteve na contramão. Houve queda de 8,2% no consumo aparente de aço e de 9,7% nas vendas internas das usinas. Nos produtos longos, a queda chegou a 10,7% devido ao baixo nível de atividades na construção civil.

Quais são, agora as perspectivas para 2006? No cenário externo, projetamos quadro favorável devido às previsões de crescimento das principais economias desenvolvidas e à manutenção do ritmo de expansão dos países da Ásia, em especial China e Índia.

Há algumas incertezas relacionadas a questões como o aumento dos juros nos EUA e Europa, preço do petróleo, terrorismo e crise no Oriente Médio, quadro político na América Latina, mas não parece provável que afetem de forma significativa o crescimento do mercado e do comércio mundial de aço.

No âmbito do setor siderúrgico persiste a preocupação com um possível desequilíbrio no balanço oferta versus demanda mundial de capacidade de produção, principalmente na China. Avaliamos no entanto, que essa ameaça só

deverá produzir efeitos relevantes após 2007 ou 2008. Outra questão a considerar é o processo de consolidação em curso no setor. A oferta da Mittal (1ª do mundo) para aquisição da Arcelor (2ª do mundo) independentemente do resultado deve mudar a dinâmica do processo, acelerando as transformações no setor.

No cenário interno temos, de modo geral, uma visão otimista para 2006 baseada no maior crescimento da economia, redução gradual das taxas de juros, crescimento expressivo da construção civil associado ao aumento dos investimentos governamentais em infraestrutura e incentivos à construção habitacional, inflação sob controle e aumento real do salário mínimo, expansão da oferta de crédito e comércio internacional favorável ao aumento das exportações.

Estas expectativas têm sido reforçadas por medidas recentes, como a redução do IPI para produtos destinados à construção civil, redução de custo das linhas de financiamento do BNDES e aumento dos investimentos dos setores intensivos em aço (ex: setor naval).

Persistem, porém, problemas que podem comprometer o crescimento do setor. Dois deles ocupam posição de destaque:

> **Deficiências dos sistemas de logística.** Problema estrutural da nossa economia que pode estrangular o crescimento do país nos próximos anos. Já atingiu níveis críticos na siderurgia, principalmente na questão dos portos e ferrovias. Sua efetiva solução exige investimentos elevados, mas muito pode ser resolvido através da adequação dos instrumentos legais e mecanismos de regulação.

> **Taxas de Câmbio.** A excessiva apreciação do câmbio já compromete a competitividade internacional de diversas indústrias, inclusive algumas intensivas em aço.

O setor siderúrgico reitera sua confiança de que o governo dará adequada atenção para esses problemas, permitindo o exercício pleno de seu potencial de crescimento. O IBS projeta para 2006 crescimento de 9,0% para o consumo de aço no país. As siderúrgicas não só estão confirmando como, em alguns casos, ampliando seus programas de investimentos para aumentar a capacidade instalada. O pleno abastecimento do mercado interno e a manutenção de elevados níveis de exportação são metas prioritárias do setor.

**Crescimento no consumo de aço no Brasil deve ser de 9,0% este ano**

## 2006 - Ano da Aliança Público-Privada para a Competitividade Logística Brasileira

Recente trabalho setorial, editado pela ANUT, aponta que a siderurgia brasileira necessitará movimentar, em 2010, mais 52 Mt de matérias-primas e produtos, além das 104 Mt que já transporta anualmente. É impressionante o fato de que, em apenas 5 anos, a necessidade de caminhões, trens e portos crescerá o equivalente à metade da demanda que levou 60 anos para acontecer.

Se por um lado o crescimento é motivo de comemoração, pela forte expansão da siderurgia, a magnitude dos números é preocupante, dada a precariedade dos nossos sistemas de transporte.

Como transportar tanto em estradas esburacadas e congestionadas com caminhões velhos? Como planejar a logística de um setor dependente da ferrovia onde a oferta e qualidade atual deste modal são apenas razoáveis? Como aumentar as exportações para o patamar previsto para 2010 de 22 Mt, se os portos não estão equipados para tal? Estas e outras perguntas inquietam o empresariado, que vive o dilema de querer investir e produzir mais e não tem a certeza de conseguir escoar seus produtos.

Agravando este quadro, cabe lembrar que a siderurgia não é única neste dilema. Exemplificando, somente o agronegócio deverá movimentar outras 220 Mt em 2010, compartilhando grande parte das vias que serão utilizadas pela siderurgia.

A busca por vantagem competitiva como fonte de diferenciação estratégica é uma constante do setor. Não teremos uma siderurgia brasileira competitiva sem uma logística competitiva a nível de País. Pelas nossas distâncias territoriais necessitamos, no mínimo, de estradas, ferrovias e portos tão eficientes quanto os dos países concorrentes. Cabe aqui destacar que, a exemplo de outros setores, a siderurgia terá dependência crescente da ferrovia, atingindo 65% da sua movimentação de cargas em 2010. Dar ser vital para o País a preservação do ambiente concorrencial nas concessões ferroviárias.

Com tudo isto, o mais aterrador é a constatação de que uma solução abrangente não está devidamente desenhada.

Embora meritórias, o que temos assistido são iniciativas governamentais esparsas, fruto da grita dos usuários, a exemplo da "operação tapa-buracos", do maior empenho de recursos para as

estradas, saneamento financeiro da Brasil Ferrovias, tentativas de viabilização das PPP e recentemente a retomada das concessões rodoviárias.

Infelizmente, todas foram cunhadas com a mesma marca o "Limite do Caos ou da Incompetência". Exemplificando, foi necessário chegar a insuportável situação da malha rodoviária ficar com mais de 80% sem condições regulares de tráfego para que fosse deflagrada a reparação que, ainda assim, só veio depois de contendas internas do governo e contratações emergenciais em ano eleitoral.

Não podemos mais prosseguir assim, com a atuação motivada pelo caos. Urge mudança radical na forma de conduzir o desenvolvimento da infraestrutura do País, empreendendo ações conseqüentes de recuperação do tempo perdido e avanço no futuro.

O primeiro passo é a implantação do CONIT (Conselho Nacional de Integração de Políticas de Transporte), previsto na Lei 10.223 de 2001, pelo atual governo, para definição e implementação de uma política de transporte nacional.

Mas isto só não basta. A experiência das duas últimas décadas, evidencia que o poder público não conseguirá fazer tudo sozinho. A participação privada será imprescindível na co-gestão do processo, seja na escolha de prioridades, na responsabilidade de aporte de recursos ou na condução de novos empreendimentos. Para tanto, o caminho é a institucionalização de uma Aliança Público-Privada, que deverá ser consolidada este ano, para vigorar em qualquer mandato resultante da eleição presidencial.

O processo já deslançou. Na "Agenda Mínima da CNI" a infraestrutura aparece como Prioridade nº 1. Agora a "Ação Empresarial" se prepara para discutir e aprovar seu posicionamento e estratégia. Vencida esta etapa de coesão do segmento empresarial em torno de uma proposição consolidada, reforçaremos nossa cruzada de envolvimento do setor público, principalmente Executivo e Legislativo, nas esferas federal e estadual.

Consolidada e implementada a Aliança Público-Privada, a siderurgia se libertará da incerteza e poderá planejar sua logística para desafios ainda maiores que sua meta de expansão de 50 Mt de aço em 2010.

**Como transportar tanto em estradas esburacadas e congestionadas com caminhões velhos?**

## Suspensão da incidência de PIS e Cofins sobre sucata



A Lei nº 11.196, de 21 de novembro de 2005, em seus artigos 47 e 48, determinou a suspensão da incidência do PIS e da COFINS no caso de venda de sucatas, resíduos ou aparas de diversos produtos, dentre os quais de ferro e aço. Além disso, vedou o respectivo crédito dos impostos pelo comprador industrial.

Esta alteração entra em vigor a partir de 01 de março de 2006, alcançando as vendas de sucata a pessoa jurídica que apure o imposto de renda com base no lucro real. Esta medida não se aplica para as vendas efetuadas por fornecedores de sucata optantes pelo Simples.

A eficiência dessa medida será positiva para os envolvidos na cadeia produtiva, se cada membro da mesma cumprir seu papel e assumir suas responsabilidades, na medida em que o que está ocorrendo é a transferência da tributação para o momento da saída do produto final, ficando o comprador industrial com a responsabilidade pelo pagamento do imposto.

Portanto, a suspensão refletirá na redução do preço nominal da sucata, praticado pelos respectivos fornecedores, relativo ao valor dos PIS/COFINS que estes deixarão de recolher sobre suas vendas, ou seja, este imposto deixa de participar da formação do preço a ser efetivamente pago, não alterando, portanto, o valor comercial da transação.

## Plano Nacional de controle de Poluentes Orgânicos Persistentes

Os setores industriais, entre os quais o metalúrgico, serão solicitados pelo Governo Federal a fazerem inventário das fontes de geração de Poluentes Orgânicos Persistentes (POP's), bem como implementarem medidas de controle e redução. O Brasil, de acordo com a Convenção de Estocolmo, deve apresentar, ainda em 2006, um Plano Nacional de controle aos POP's. A exigência de medidas para controle dos POP's decorreu da ratificação pelo Brasil da convenção de Estocolmo, em 2004, quando assumiu o compromisso de eliminar ou reduzir as fontes de geração.

## Faturamento do Grupo Gerdau supera R\$ 25 bilhões em 2005

A internacionalização impulsionou o faturamento do Grupo Gerdau em 2005. Com a consolidação das unidades da North Star, nos Estados Unidos, da Diaco, na Colômbia, e da Sipar, na Argentina, além do incremento do mercado interno, o faturamento chegou a R\$ 25,5 bilhões em 2005. O valor é 8,9% superior ao registrado em 2004. A produção de aço em 2005 foi de 13,7 milhões de toneladas, 1,7% a mais que no ano anterior. No mercado interno, foram comercializados 3,5 milhões de toneladas de produtos siderúrgicos, representando faturamento de R\$ 10 bilhões. Foram exportadas 2,8 milhões de toneladas de aço, receita de R\$ 3,2 bilhões.

## Arcelor Brasil no ISE-Bovespa

A Arcelor Brasil (negociada na Bolsa de Valores de São Paulo com o código ARCE3) é a única siderúrgica a integrar o Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE) da Bovespa. O Índice, composto por 28 empresas, reflete o retorno oferecido por uma carteira de ações de companhias com melhores desempenhos em todas as dimensões que medem sustentabilidade empresarial. Empresa com elevado nível de governança corporativa, a Arcelor Brasil tem nas companhias que a constituíram a base de sua sustentabilidade. Belgo, CST e Vega do Sul mostram desempenhos nas áreas ambiental e social que são referência para o Brasil e o mundo.

## Obras da expansão da CST-Arcelor Brasil

Com capacidade nominal de produção de 7.840 t/dia de ferro gusa, o Alto-Forno 3 da CST-Arcelor Brasil, uma das principais unidades do projeto de expansão da companhia, atingiu cerca de 82% de avanço global das obras. Deve começar a operar no segundo semestre deste ano.

A capacidade de produção anual da aciaria passará de 5 milhões para 7,5 milhões de toneladas de aço. A empresa está investindo também na construção de uma terceira máquina de lingotamento contínuo com capacidade de produção anual de 3 milhões de toneladas de placas de aço. Destaca-se também o Terminal de Barcaças Oceânicas, que integrará a cadeia logística de abastecimento do mercado brasileiro da CST-Arcelor Brasil, utilizando a navegação de cabotagem. A unidade deve estar concluída em março.

## Ternium abre capital na Bolsa de Nova York

O presidente da Usiminas e da Cosipa, Rinaldo Campos Soares, esteve no início de fevereiro nos Estados Unidos para o lançamento das ações da Ternium na Bolsa de Valores de Nova York. A Ternium é controlada pelo grupo Techint e possui plantas siderúrgicas na Argentina, no México e na Venezuela. A Usiminas é a segunda maior acionista, com 14,25% de ações ordinárias, e Rinaldo Soares é o vice-chairman da companhia.

# Estatística

As empresas siderúrgicas terminaram 2005 com produção inferior em 3,9% em relação a 2004, passando o Brasil a ocupar a 9ª posição na produção mundial de aço, superado pelo Índia.

No mercado interno, a queda no consumo aparente foi de 8,2%. No setor de planos, houve diminuição de consumo na maioria dos setores consumidores de aço (bens de capital, utilidades domésticas e comerciais, cutelaria), decorrência do gradual aumento das taxas de juros. Apenas o setor automotivo manteve performance positiva tanto no mercado interno quanto externo. Em

longos, a queda foi ainda maior devido principalmente a desestocagem e o desempenho da construção civil aquém do esperado.

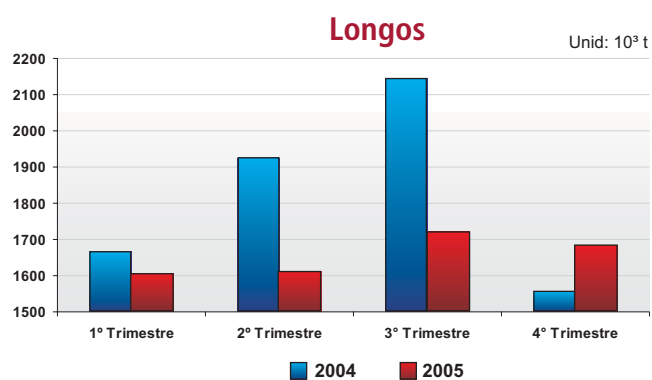
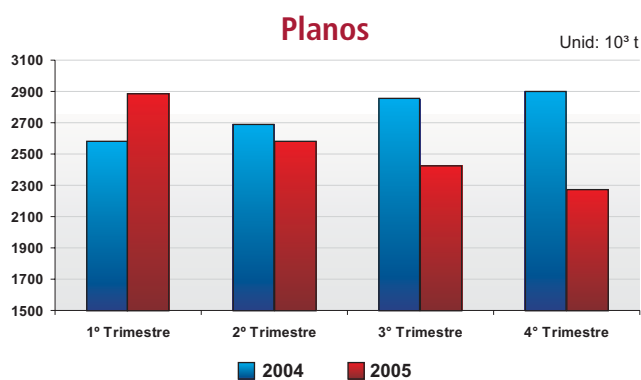
Em relação às exportações, houve crescimento de 4,4% em tonelagem. No entanto, a receita atingiu o nível recorde de US\$6,5 bilhões - aumento de 23,2%, devido principalmente ao enobrecimento da mistura de produtos com o crescimento de laminados e a diminuição de semi-acabados. O balanço positivo (exportação menos importação) de US\$5,6 bilhões, nunca antes alcançado, representou 12,6% do saldo comercial brasileiro de US\$ 44,764 bilhões em 2005.

## Siderurgia Brasileira - Síntese

Unid: 10<sup>3</sup> t

Especificação	2004	2005	05/04
<b>PRODUÇÃO</b>			
Aço Bruto	32.909	31.631	(3,9)
Laminados	23.368	22.579	(3,4)
Planos	14.441	14.187	(1,8)
Longos	8.927	8.392	(6,0)
Semi-Acabados p/ vendas	7.187	6.623	(7,8)
<b>VENDAS INTERNAS (*)</b>			
Semi-Acabados p/ vendas	689	590	(14,4)
Planos	10.536	9.615	(8,7)
Longos	6.558	5.856	(10,7)
<b>COMÉRCIO EXTERIOR (**)</b>			
Exportações (10 <sup>3</sup> t)	11.982	12.514	4,4
(US\$ Bilhões)	5,3	6,5	22,6
Semi-Acabados	6.6339	5.957	(6,0)
Planos	3.661	3.739	2,1
Longos	1.982	2.818	42,2
Importações (10 <sup>3</sup> t)	549	756	37,7
(US\$ Bilhões)	0,5	0,9	80,0
Semi-Acabados	12	23	91,7
Planos	262	373	42,4
Longos	275	360	30,9
<b>CONSUMO APARENTE (*)</b>			
Planos	11.022	10.179	(7,6)
Longos	7.294	6.627	(9,1)

## Síntese Trimestral - Consumo Aparente (\*)



(\*) Vendas internas + importações, excluindo as vendas para dentro do parque.